

A CIDADE: DO BURGO À METRÓPOLE

(Da cidade ao urbano)

Csaba Deák*

- 1 A cidade na transição do feudalismo ao capitalismo
- 2 O crescimento anárquico da cidade industrial
- 3 A emergência do planejamento
- 4 A organização da metrópole
- 5 A guisa de conclusão

Palavras têm vida longa —a cultura é o 'capital fixo' mais duradouro da sociedade— e sua forma frequentemente sobrevive a seu próprio significado. A palavra cidade nos vem da Antiguidade, e tem correspondido a entidades tão diferentes quanto as sociedades que as construíram: a cidade-Estado grega ou o centro administrativo do Império Romano, que se extinguíram na baixa Idade Média para ressurgirem na forma de burgo, cidade feudal; e após nova metamorfose se dissolverem na aglomeração urbana contemporânea. Tais entidades podem ser associadas talvez, em conjunto, a centros de poder na organização social, fato esse ostentado por seus monumentos; mas suas características específicas já derivam sua natureza da respectiva sociedade a que pertenceram, ou pertencem. O aspecto privilegiado que permite caracterizar uma forma histórica concreta de 'cidade' é a diferença, isto é, sua caracterização em contraposição a formas históricas anteriores e em particular em contraposição à forma precedente. Vale dizer, o método privilegiado de estudo da cidade é o estudo de sua transformação. Em particular, o estudo de suas formas contemporâneas nos remete à gênese do espaço capitalista.

1 A cidade na transição do feudalismo ao capitalismo

A especificidade da cidade, feudal, assim como aquela do espaço, no capitalismo, se coloca em contornos nítidos à luz das transformações geradas pela substituição do modo de produção feudal pela produção capitalista de mercadorias. No feudalismo a dicotomia cidade--campo se originava de uma dicotomia na esfera da produção: a saber, a separação da produção para subsistência e da produção do excedente —a renda. Essa última, base da organização social, era restrita ao cultivo da terra. Operava-se assim a separação da produção (de excedente), no campo, e da troca/consumo, na cidade. A forma-mercadoria, mesma, restringia-se ao excedente, produzido pelo servo e apropriado pelo senhor feudal na forma de renda, que o levaria ao mercado na cidade. A própria existência da forma-mercadoria --e a da classe dos mercadores-- dependia da existência de "mercados e esferas de produção separados", que tornava possível

* Parte deste artigo faz uso de material de minha tese de doutoramento, *Rent theory and the price of urban land/ Spatial organization in a capitalist economy* (1985), da qual Francisco Almeida produziu uma primeira versão para português. Agradeço também a Yvonne Mautner por valiosas sugestões sobre o esboço inicial do texto.

"comprar barato e vender caro" (Merrington 1975:177). O surgimento do capitalismo é precisamente o processo de transformação através do qual a forma-mercadoria se torna generalizada e dominante, e a produção para subsistência (alimento, vestuário e mesmo habitação) e a produção de excedente como tal (renda) são absorvidas, ambas, na produção de valores na forma de mercadorias, através de trabalho assalariado, sob o comando do capital. O valor da produção para subsistência se transforma em salário, o excedente é apropriado na forma de lucro, ambos incorporados no valor das mercadorias, e a troca se torna uma troca de equivalentes num mercado unificado. Assim, enquanto no feudalismo a separação entre a produção e a troca/consumo, numa constelação de mercados separados, impunha a dicotomia cidade/campo e o fracionamento do território numa constelação de espaços locais, a produção capitalista de mercadorias num mercado unificado impõe a redução da prévia dicotomia cidade/campo, e a redução da constelação de espaços locais a um espaço único, no qual mercadoria, trabalho e capital fluem livremente, e numa escala suficientemente ampla para sustentar um processo de acumulação autônomo --tal qual realizado historicamente nos limites do Estado-nação moderno.

O mercado unificado requer que seu espaço seja suficientemente homogeneizado por uma infraestrutura de transporte e comunicações, de forma que, embora a diferenciação no espaço persista, sua homogeneidade assegure que não possam nele emergir regimes independentes de acumulação autônomos (em meio ao que seriam mercados separados de fato). Por algum tempo no início do processo de generalização da forma-mercadoria e do trabalho assalariado, os recursos naturais prendiam ainda a produção a sua localização original, até mesmo com o advento da maquinofatura — as primeiras fábricas eram construídas perto dos locais de potencial hídrico que forneciam a energia para mover as máquinas e das fontes de matéria-prima (carvão, ferro). Mas o desenvolvimento dos meios de transporte liberou rapidamente a localização da produção de tais amarras, permitindo a concentração da produção e da força de trabalho, num processo que ficou conhecido como 'de urbanização', gerando, de passagem, uma nova diferenciação do espaço que acabara de homogeneizar.¹

Tal processo de homogeneização do espaço supera tanto a velha distinção cidade/campo quanto a multiplicidade de cidades e campos, isto é, de espaços locais. A cidade ultrapassa seus muros atrás dos quais guardava a riqueza que não produzira. Muitas cidades haviam já se tornado maiores, antes, que suas prévias muralhas: isso apenas estimulava a construção de novas, num perímetro maior, e tais cidades acumulariam durante séculos uma coleção de anéis, fortificações concêntricas sucessivas. Mas doravante não se construirá mais muralhas²:

¹ Diferenciação e homogeneização vão de par —uma particular localização se diferencia de qualquer outra somente por ambas pertencerem ao mesmo espaço, que é suficientemente homogêneo para incluir uma e outra — duas localizações não pertencentes ao mesmo espaço não são diferentes: elas não se comparam. Homogeneização e diferenciação formam a unidade dialética do processo de produção do espaço.

² A inutilidade, e mesmo desutilidade, dessas fortificações em torno das cidades não poderia ter sido demonstrada de forma mais vívida que durante as revoluções européias de 1848, no cerco de Viena: o inimigo —estudantes, trabalhadores e segmentos da classe média de Viena revoltados— estava atrás dos muros, e as tropas do Imperador, fora. Onze anos após a mesma cidade forneceu ainda um

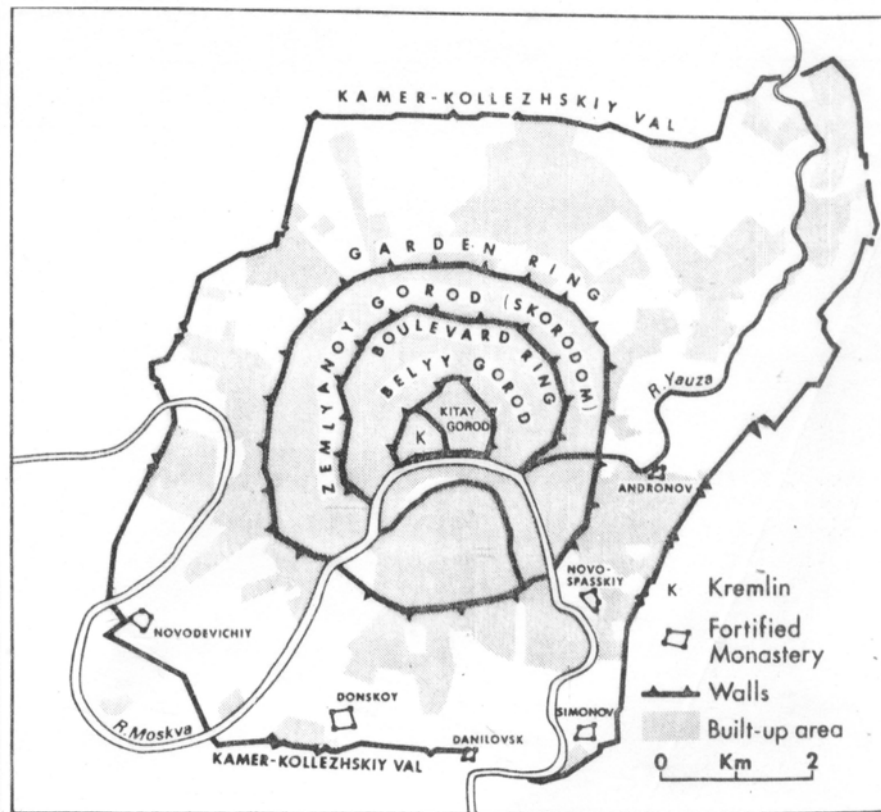


FIGURA 4.2 - Crescimento de uma cidade feudal: Moscou. Um breve histórico dos sucessivos anéis de fortificação reza:

"A fortificação original, o Kremlin, foi gradualmente desvestida de funções outras que a defesa e o exercício da autoridade (tanto temporal quanto espiritual), como artes manufatureiras, comércio, e a residência dos comerciantes, artesãos e trabalhadores, deslocados para um bairro comercial a Leste, conhecido como o Kitay Gorod [Bairro Chinês]. Com o tempo este também foi murado, mas a cidade em expansão se espalhou para novos subúrbios artesãos - o semi-círculo do Belyy Gorod, ou Cidade Branca. O Belyy Gorod foi também cercado no século dezesseis, mas nesta época Moscou já estava se expandindo ainda mais para fora, num anel de novos subúrbios, chamados Zemlyanoy Gorod ou Cidade de Terra, que em 1592 foi também protegido por um muro de terra e palissada (...) Em 1742 a expansão de Moscou muito além de seus velhos limites medievais foi reconhecida através do estabelecimento de novos limites urbanos, o Kamer-Kollezhskiy Val, ou Muralha... Ò diferença das muralhas anteriores, o Val não era uma obra defensiva, mas uma barreira fiscal..."

Fonte: Figura e citação de Sutcliffe(Ed,1984):356-7.

exemplo de reinterpretação de 'segurança' nas cidades, no edital de concurso de um dos primeiros planos de desenvolvimento urbano (ver adiante acerca do surgimento do planejamento), o concurso Ringstrasse: "A influência do exército sobreviveu à queda das fortificações... O próprio edital de concorrência exigia a manutenção dos quartéis ao sul da velha cidade, e o planejamento de novos ao norte. A comunicação entre esses dois pontos militarmente significativos teria que ser concebida numa escala generosa para permitir rápidos movimentos de tropas." (Breitling,1980:40).

a "cidade", a "urbs", não tem mais limites; de fato, não há mais cidade. Há é um espaço contínuo, homogêneo porque as localizações em seu interior são intercambiáveis e portanto diversas entre si, de forma que o espaço se diferencia ao se homogeneizar. Ambas, a homogeneidade e a diferenciação do espaço se moldam incessantemente pela intervenção do capital e do trabalho. Cada época adiciona uma transformação, e a base 'natural' é encoberta cada vez mais profundamente sob um número sempre crescente de camadas de transformação histórica.³ Cidade, campo, floresta, lago, flora e fauna se tornam assunto da arqueologia. Em vez de limites, o espaço que era antes cidade e campo possui usos do solo. Toda atividade humana: finanças, serviços, comércio, residência, indústria, lazer, agricultura, e mesmo a natureza (confinada ao jardim botânico, ao zoológico, à reserva natural ou parque nacional) se tornam usos do solo, em zonas e distritos apropriados, apoiados por edificações, regulamentos, infraestruturas e serviços adequados. Este é o espaço urbano, um produto histórico, cada porção do qual sujeito às relações dentro do todo — relações essas constituindo as próprias relações da produção capitalista e da reprodução social.⁴ O espaço urbano é o espaço de um mercado unificado na 'economia de mercado' (economia capitalista).

2 Crescimento anárquico da cidade industrial

Assim como, tanto a produção quanto a reprodução sociais são dominadas, no capitalismo, pela dialética da forma-mercadoria, e assim, pelos processos antagônicos da regulação pelo mercado e da intervenção do Estado, assim também a organização espacial, vale dizer a localização das atividades de produção e reprodução, se dá por uma combinação das 'leis

³ O que segue não se aplica a economias "locais" apenas —ou então, toda economia é local: "... a estrutura das economias locais pode ser vista como o produto da combinação de "camadas", da imposição sucessiva, ao longo dos anos, de novos turnos de investimentos, novas formas de atividade" (Massey, 1984:117-8, formulado pela primeira vez em Massey, 1979).

⁴ A palavra 'urbano' e seus derivados não têm sido usados consistentemente na literatura atual. O significado predominante que se lhe associa tem sido "similar à cidade", (cidadino), como, por exemplo, em Merrington, quem, após discorrer sobre a redução da dicotomia cidade/campo no capitalismo, fala de "desurbanização da metrópole" como sinônimo de "dissolução da cidade na região urbana" (Merrington, 1975:190) — o uso correto seria 'urbanização da cidade', ao invés de 'desurbanização'. Da mesma forma, 'urbano' tem sido utilizado em contraposição a 'rural'. Entretanto, vimos que a dicotomia cidade/campo não foi meramente transformada no capitalismo (numa suposta dicotomia urbano/rural); senão ela foi completamente aniquilada, dissolvendo a ambos, a cidade e o campo, no espaço urbano. É por isso que "região urbana", "economia urbana", etc, não possuem qualquer conteúdo específico, como evidenciado pela falência das numerosas tentativas de capturá-lo (para uma revisão e crítica destas tentativas, ver Ball, 1979). Para designar o que as cidades se tornaram, usamos 'aglomerado urbano' — uma expressão conveniente por aludir ao fato de se referir a concentrações de atividades de densidade acima da média, e, ainda, a que seus limites são indefinidos e irrelevantes, cujo traçado, se o caso se apresentar, depende de alguma definição arbitrária, como todos os planejadores de zoneamento de uso do solo bem o sabem.

do mercado', atuando ao nível individual, e de regulação estatal, no âmbito coletivo.

Estamos, na verdade, diante do rebatimento, ao nível da organização espacial, do fato elementar da dialética da forma-mercadoria, a saber, que a intervenção estatal é um complemento necessário, ainda que antagônico, à regulação pelo mercado. Algumas consequências imediatas para o processo individual de produção se manifestam sob a forma de tributação e do controle do padrão de assentamento ao nível da própria localização individual, através de leis de zoneamento e de regulações que garantem a compatibilidade com um padrão global de assentamento. Além desse nível, no entanto, há a determinação da própria escolha da localização aberta ao processo individual de produção e que já depende da estrutura do espaço urbano como um todo. Nessa instância, a transformação do processo produtivo transcende o âmbito da localização individual e entra em relação direta com a própria produção do espaço.

A transformação do espaço urbano é dominada pela necessidade de combater a diferenciação espacial decorrente do desenvolvimento da produção. A contribuição da regulação via mercado para com a organização espacial está em assinalar o nível de diferenciação dentro do espaço urbano por intermédio dos níveis de preço das localizações: quando aumenta aquela, aumenta igualmente a competição por melhores localizações tanto internamente a determinado ramo industrial, quanto entre indústrias, e o preço das localizações se eleva. Para combater a excessiva diferenciação espacial, é necessária a construção de infraestruturas, a cargo do Estado.⁵ A intervenção estatal cumpre um papel primordial na produção do espaço — ainda que, como no caso do crescimento anárquico, se restrinja em ficar à trela das demandas criadas pelo crescimento 'espontâneo' ao invés de induzir ou sequer antecipá-las, e mesmo que o Estado delegue ao mercado a maior parte a regulação do uso do espaço.

A natureza precisa da atuação das duas instâncias de regulação, assim como a preponderância entre ambas, evolui segundo os estágios de desenvolvimento e determinam, em conjunto, a localização e os padrões de assentamento.

Nos estágios iniciais de urbanização quando a diferenciação do espaço era relativamente baixa, os níveis de infraestrutura requeridos eram igualmente reduzidos, de modo que a intervenção do Estado — e com ela, a

5

A construção de infraestruturas e a legislação de uso do solo não são os únicos meios de intervenção estatal na produção do espaço. A tributação sobre a terra (ainda que não possa ser entendida como meio de regulação espacial por ser condição necessária —juntamente com a propriedade privada da terra— ao capitalismo independentemente de qualquer organização espacial), pode no entanto ser usada como meio de regulação, se bem que somente em casos específicos. Também a aquisição compulsória (deasapropriação) de terras e seu inverso —os subsídios e a cessão pura e simples de localizações— e quando esgotados todos os demais recursos até mesmo o emprego da força policial (como na limpeza de cortiços, ou desfavelamentos) são outros tantos meios de organização espacial, que no entanto só podem ser utilizados dentro de limites, para não pôr em perigo a forma-mercadoria, visto que estes meios secundários de intervenção são transgressões manifestas da reificação das relações sociais.

própria questão da produção do espaço — não se tornava proeminente. Crescimento anárquico é justamente o padrão de urbanização que acompanha o capitalismo em seu estágio inicial de acumulação, predominantemente extensiva: a informidade das estruturas urbanas, a miséria e a escala das epidemias (como descritas por Victor Hugo, Dickens e Engels,⁶ por exemplo) resultantes do crescimento 'espontâneo', continuavam, naquele estágio, toleráveis. Também eram toleradas as atividades especulativas como processo precípua predominante de produção do espaço urbano. Os detalhes concretos das operações especulativas com terrenos urbanos são intrincados,⁷ devido a um sem-número de artifícios dos quais a atividade lança mão para fazer frente aos elevados riscos envolvidos nas previsões de evoluções futuras. Tampouco são os 'especuladores' meros especuladores, visto que frequentemente procuram, e conseguem, não apenas 'prever' senão também direcionar o 'futuro' por intermédio das mais diversas artimanhas e manipulações, inclusive ilegais e violentas⁸ — motivo pelo qual sempre foram objeto de críticas generalizadas, e a atividade como um todo goza de má reputação — e assim, a especulação acaba não apenas acompanhando como também moldando o processo de transformação do espaço. Mas a questão — e é isto que permite o surgimento da especulação e sua permanência em uma economia não-planejada (ou na medida em que esta não o é) — é que, como resultado da especulação, a transformação de uso pode se dar abarcando largas extensões de solo ao invés de mero alastramento e destruição/reconstrução contínua nas vizinhanças imediatas da fronteira em movimento, tornando possível, assim, a provisão de infraestruturas (vias, esgotos, redes de comunicação, etc), em escala compatível com a sua natureza, no interior da zona de especulação. Esta, do ponto-de-vista do uso do solo, passa a ser uma zona de transição — ao passo que a especulação se torna parte orgânica do processo de crescimento anárquico (não-planejado). É de se notar, assim, que por mais repulsivo que esse processo possa ser, o que 'faz subir' os preços das localizações urbanas não é a especulação, aquela sendo apenas o processo precípua de constituição e alocação das localizações dentro das condições prevalecentes de organização espacial em uma economia de mercado, senão a crescente diferenciação do espaço, e especialmente, a exacerbação desta devido a um atraso, omissão ou deficiência na construção de infraestrutura urbana.

⁶ *Os Miseráveis; Oliver Twist; The conditions of the working class in England* (1845), esp. pp.59ss e 120ss.

⁷ Para uma descrição destes, ver Castells(1978):136.

⁸ Ou ainda, legais, porém às custas do Estado. "A Comissão Metropolitana de Obras Públicas, por exemplo, levou a efeito um plano de melhoramentos em Whitechapel e em Lime House, e vendeu uma gleba naquele local à Peabody Trustees por £10.000. Tivesse ela sido autorizada a vender esse mesmo terreno para fins comerciais, teria podido obter £54.000 por ele, de modo que uma carga adicional de £44.000 foi jogada nas costas dos contribuintes" (Ashworth,1954: 101). - Peabody Trust: um organismo na Inglaterra Vitoriana supostamente constituído para construir e administrar habitações para a classe operária, 'sem fins lucrativos'; na prática, tem "subido mercado acima", buscando lucros ou, na opinião e nas palavras de uma Comissão de Notáveis que investigava suas atividades, em 1882, "um tanto além dos meios e fora das aspirações das classes menos favorecidas" (id.ibid, p.85).

3 A emergência das condições históricas para o planeamento

Londres e as demais grandes cidades comerciais da Inglaterra [não passam de] "meros amontoados de sordidez, imundice e miséria, embelezados com remendos de uma hediondez pomposa e vulgar".

William Morris⁹

A maturação da necessidade e das condições históricas para a regulação espacial planejada e a intervenção estatal, foi no entanto, uma consequência inevitável do próprio desenvolvimento do estágio predominantemente extensivo de acumulação. Por uma combinação de acumulação acelerada,¹⁰ que trouxe consigo crescimento demográfico, com desenvolvimento da mecanofratura, que requeria uma concentração espacial, as aglomerações urbanas alcançavam escalas sem precedentes — acumulação, neste estágio, era o crescimento do proletariado —, enquanto que a retórica do *laissez-faire* e do livre-comércio mantinham a regulação (espacial ou outra) em estado não-planejado.¹¹ □ Pelo final da década de 1860, por um lado, o crescimento 'espontâneo' das aglomerações urbanas havia resultado em estruturas espaciais ineficientes e virtualmente ingovernáveis, que ameaçavam a própria reprodução social. Vinte anos depois, William Morris se referiria a elas como "meros amontoados de sordidez, imundice e miséria, de uma hediondez pomposa e vulgar", como na citação em epígrafe.

Por outro lado, o período de acumulação acelerada estava se esgotando, para dar lugar à Grande Depressão (1875-95). Isto marcou o fim da breve era do '*laissez-faire*' (restrita à Inglaterra, de qualquer maneira), dando origem, por oposição, aos trustes, monopólios, ao capital financeiro, corporações e, em última instância, à ampliada, e sempre crescente, intervenção do Estado — o caráter 'não-planejado' do capitalismo desapareceu com o estágio de acumulação predominantemente extensiva. Assim, os mesmos processos que levaram à necessidade de intervenção espacial pla-

⁹ Citado em Ashworth (1954):171. "Remendos de uma hediondez pomposa e vulgar" é expressão da frustração que Morris, um dos 'pioneiros do desenho moderno' na Inglaterra, carregava porque, enquanto a segunda revolução industrial prosseguia a pleno vapor em toda parte, na Inglaterra monumentos, paisagem urbana e desenho industrial ainda eram dominados por um gosto vindo de um tempo já ultrapassado.

¹⁰ A 'acumulação' no regime extensivo é, na verdade, expansão —a saber, do trabalho assalariado— mais que um processo de acumulação autónomo (ver Deák, 1989), a ponto de Marx chegar a confundir ambas: "Acumulação é o crescimento do proletariado" (Capital I, p.764) onde 'proletariado' é trabalho assalariado (id.ibid,p.764n). Tal asserção é verdadeira para o estágio extensivo —o único estágio histórico dado a Marx para analisar— do qual o estágio intensivo se distingue precisamente nisso: no estágio intensivo, 'acumulação é a elevação da produtividade do trabalho'.

¹¹ "Durante todo este primeiro século [dos meados do séc.XVIII aos meados do séc. XIX] de urbanização industrial, pouco ou nada fez a autoridade pública no sentido de controlar a evolução do ambiente urbano. Muitos dos novos centros de indústrias de ponta, tais como Manchester e Birmingham, soergueram-se tão rapidamente a partir do status de vila ou pequeno entreposto comercial que sequer possuíam uma organização municipal". (Sutcliffe, 1981:48).

nejada criaram também as condições para a intervenção planejada, e esta veio a ser uma característica fundamental do estágio de acumulação intensiva — na verdade, do capitalismo 'plenamente desenvolvido'.

A história do planejamento urbano — a forma assumida pela intervenção do Estado na organização espacial— é dominada pelo processo de difusão do capitalismo em seu estágio de acumulação intensiva ou em outras palavras, pelo rumo que tomou o desenvolvimento dos estados nacionais que se tornaram os principais centros de acumulação dentro da estrutura imperialista mundial. A reconstrução de Paris por Haussmann no transcorrer da década de 1850,¹² e o plano diretor da Ringstrasse de Viena (1859)¹³ eram exemplos admirados de intervenção urbana; porém, em nenhum outro país o planejamento urbano se desenvolveu em escala e abrangência

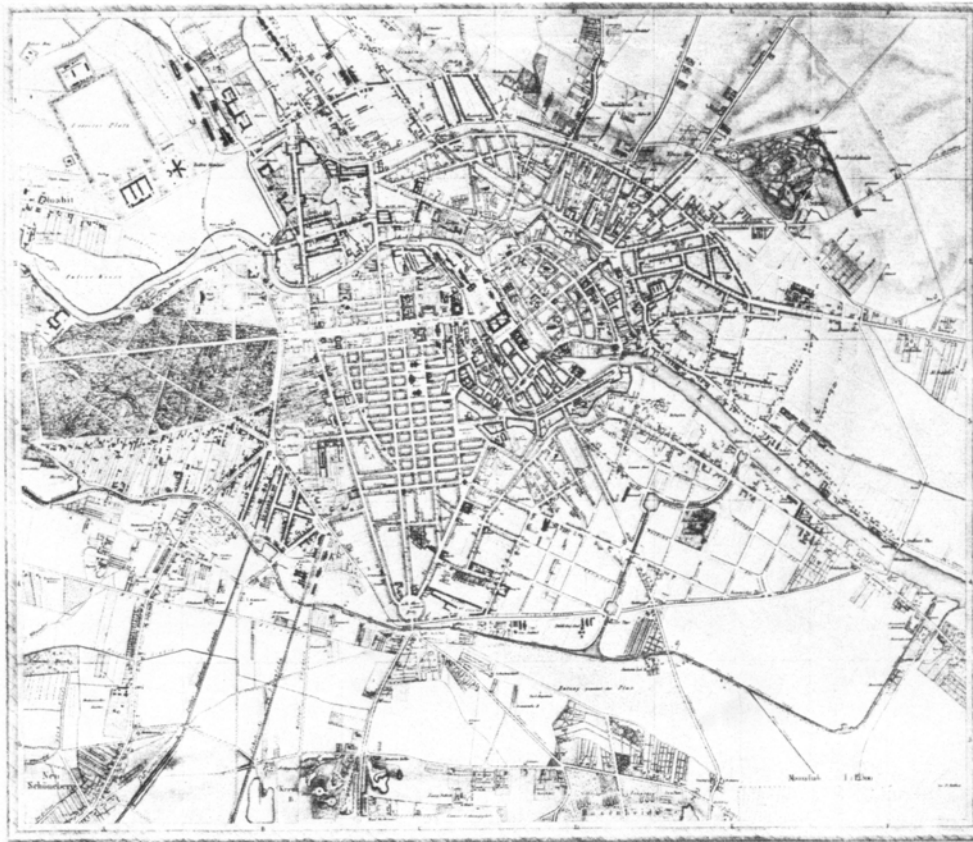


FIGURA 8.2 Berlim em 1850 --Doze anos antes de seu primeiro plano abrangente unificado ('integrado'), Berlim possuía já o aspecto de cidade planejada, devido à prática das expansões planejadas pelo estado prussiano centralizado. No centro, a linha de fortificações construída no final do séc.XVII em redor de uma cidade de aproximadamente 40.000 habitantes ainda é identificável, mas está agora imersa no 'tecido urbano' da Großstadt ("grande cidade"), que entretentes decuplicara.

Fonte: Sutcliffe (ed,1984):282.

¹² Sutcliffe (1981):131ss.

¹³ Breitling (1980):40ss.

como na Alemanha. De fato, a Alemanha se tornou "o país modelo" para aqueles países que iniciavam sua industrialização, como o Japão, para os Estados Unidos,¹⁴ ainda no estágio de acumulação extensiva, e mesmo —depois que o país-berço do capitalismo tardiamente tomou consciência da necessidade do planejamento— para a própria Inglaterra.¹⁵ A expressão máxima desse processo foi a Bauhaus, que em sua efêmera existência —interrompida pela ascensão do nazismo ao poder— tornou-se a mais prestigiosa escola de desenho urbano, arquitetura e de artes visuais que jamais existiu.

A razão principal para a liderança da Alemanha no campo da intervenção estatal na organização do espaço foi que tal intervenção se desenvolveu naturalmente desde o começo do processo de urbanização naquele país. Ao iniciar sua expansão na Alemanha, o modo de produção capitalista alcançava já o estágio de acumulação intensiva, de maneira que, a vida econômica e em particular, o crescimento das aglomerações urbanas pôde ser acompanhado desde o começo por regulamentações oriundas no âmbito coletivo e não individual. O planejamento alemão se originou, na verdade, nas "extensões urbanas" (*Städterweiterung*) remontando a 1825 (Berlim¹⁶) e que evoluíram mais tarde para um planejamento abrangente (*Städtebau* - literalmente: 'contrução urbana'), que preparava, mais que remediava, o crescimento das cidades. O Estado assumiu seu papel na organização do espaço tanto mais facilmente quanto, em razão da fragilidade da burguesia alemã, ele já havia desempenhado o papel predominante no desenvolvimento do capitalismo em todos os campos, desde a unificação de um mercado nacional até a regulação das condições de produção.¹⁷ A força de um

¹⁴ Quanto à influência do planejamento urbano alemão sobre os EEUU nos começos do século XX, ver Sutcliffe (1981):121-2, e sobre a 'Escola de Chicago' em particular, ver Lees(1984).

¹⁵ □ Sir Partrick Abercrombie, o mais prestigioso planejador inglês da época, afirmou em 1913: "A Alemanha tem realizado concretamente mais planejamento urbano moderno que qualquer outro país" (citado em Sutcliffe,1981,p.9). Na Inglaterra, a melhoria das condições nas aglomerações urbanas emergiu como necessidade imperiosa para garantir as condições de reprodução do proletariado. "Provavelmente a guerra Sul-Africana (Guerra dos Boers) fez mais para calar a urgência do melhoramento na salubridade urbana que qualquer outra coisa, devido à elevada proporção dos recrutas em potencial que foram julgados fisicamente inaptos". O exemplo da Alemanha figurava sob uma outra luz também, no entanto. "O planejamento urbano era defendido [em 1908] ... por medo da Alemanha: à não ser que finalmente começemos imediatamente a proteger a saúde de nosso povo, tornando as cidades em que a maior parte dele atualmente vive mais próprias para o corpo e o espírito, poderemos muito bem perder nosso comércio, nossas colônias, toda a nossa influência no mundo, para a Alemanha" (Ashworth, 1954: 168; 169).

¹⁶ Sutcliffe (1981): 10ss.

¹⁷ Como brilhantemente interpretado por Engels em *The rôle of force in History* (1888), de maneira que a força do Estado 'burguês' era na verdade o resultado da fraqueza da burguesia. Sutcliffe chega perto dessa conclusão, mas ela lhe parece paradoxal: "Paradoxalmente, o poder crucial para planejar novas ruas era produto da fraqueza das cidades alemãs e de suas administrações locais, não da sua força" (Sutcliffe,1981:10). Respeitadas as demais diderenças, o mesmo é verdadeiro para a França, a Austria e a Itália do século XIX — sendo o contrário verdadeiro para a Inglaterra.

aparelho estatal disponível de antemão — o Estado prussiano— auxiliou o livre desenvolvimento da organização do espaço —é sintomático que os planos de 'extensão urbana' eram atribuição da Polizei¹⁸ — assim como o desenvolvimento do capitalismo como um todo em seu estágio de acumulação intensiva, na Alemanha mais que qualquer outro país.¹⁹ A generalização desse estágio do capitalismo só se completou em finais da segunda década do século XX, época em que a intervenção estatal planejada se tornou uma prática internacional que domina o processo de urbanização.²⁰

4 A organização da metrópole

No capitalismo, a finalidade última de toda e qualquer regulação, quer espacial, quer não, é a produção de mercadorias. Esta tem sido analisada em Economia Política sob as rubricas de produção, consumo e troca, com ênfase no primeiro — produção, consumo e troca de objetos incorporando em si o trabalho da sociedade de modo quase tangível. Embora Marx estivesse, sem dúvida, consciente de que a Economia Política abarcaria somente a anatomia da sociedade civil —ou seja, uma parte da totalidade das condições materiais da existência²¹ — o contexto denso e rico com que ele circundava o core 'econômico', e que por necessidade era historicamente específico, foi sendo gradualmente erodido em trabalhos subsequentes pela aderência à ortodoxia — presente por exemplo na espantosa resiliência do conceito das 'três grandes classes' (capitalistas, proprietários fundiários e proletariado) e na dificuldade de explicar a existência do 'improdutivo' setor de serviços, que hoje concentra metade da força de trabalho das sociedades do mundo industrializado. No entanto, ao abordar a organização do espaço, as amplas categorias de produção, consumo e troca de mercadorias se fragmentam ainda mais, ao ponto de se tornarem abstrações tão distantes

¹⁸ Sutcliffe(1981):16.

¹⁹ A velocidade da penetração das relações capitalistas de produção na Alemanha é vividamente ilustrado pelo curtíssimo período que levou o assalariamento dos trabalhadores agrícolas neste país. Enquanto que na Inglaterra, a destituição do camponês de seus meios de subsistência, a começar pela terra, foi o longo processo dos 'cercamentos' que atravessou vários séculos (do século XV ao XVIII), na Prússia, onde a servidão foi abolida durante as revoluções de 1848, nos meados dos anos 1870 a quase totalidade dos trabalhadores rurais já era assalariada, segundo o relato de Max Weber (Weber,1894) — um processo comprimido em três décadas, portanto.

²⁰ O Brasil, com sua sociedade de elite e acumulação entravada, constitui um caso à parte e é coberto por várias outras contribuições neste número do Espaço & Debates. Mencione-se aqui apenas que planejamento, e mais ainda, o ideário do planejamento são, no Brasil, em boa medida, reflexos, à maneira de 'idéias fora do lugar', e que boa parte de suas contradições deriva do fato que uma atividade precípua do estágio de desenvolvimento intensivo veio a ser praticada em um estágio de desenvolvimento extensivo — ficando assim, duplamente 'fora do lugar'.

²¹ Marx (1859) : 20.

da existência concreta da sociedade civil que se impõe a necessidade de introduzir níveis de abstração intermediários.²²

Na organização do processo, as atividades econômicas: produção, troca e consumo, passam a ser usos do solo organizados em categorias adequadas aos propósitos da organização espacial, independentemente de suas categorias anteriores. Dessa maneira, a produção, passa a ser indústria de grande, médio e pequeno porte (classificada ainda segundo seu índice de poluição sonora, do ar ou água, etc), e agricultura; a produção 'não-produtiva', se apresenta como bancos, escritórios, serviços, transporte; troca vira comércio; e o menos lembrado (na Economia Política) dos bens de subsistência, que chega a constituir da ordem de 40% do salário, torna-se habitação, a qual nunca pôde ser mercadorizada por inteiro, e que consome cerca de metade da área das aglomerações urbanas; há ainda as atividades do setor das não-mercadorias, que se traduzem em estradas, áreas livres, edifícios públicos, equipamentos, etc. Sendo usos do solo, agrupam-se em *zonas de uso* mais ou menos segregados ou livremente mesclados, sendo afetadas pela regulação espacial justamente *enquanto* usos do solo²³. Internamente ao espaço urbano, apresentam-se na forma do padrão "caleidoscópico" de Hoyt, cuja estrutura aparente a Escola de Chicago se dedicou a estudar, e dão origem a muitos processos que parecem ter uma vida própria e que frequentemente são interpretados, como se a tivessem. Esta noção é tão forte que penetra na linguagem através de expressões tais como: as cidades —ou aglomerações urbanas— "crescem", mudam, etc, o que claramente indica que não foi compreendido que as cidades são construídas, transformadas, etc²⁴ —com uma finalidade. Esta construção/destruição —transformação incessante das estruturas físicas— constitui o próprio processo de produção do espaço urbano e que abarca todas as facetas da totalidade da reprodução social, incluindo seus conflitos e antagonismos numa multiplicidade de formas concretas segundo seus estágios de desenvolvimento.

²² Certamente isso não passou despercebido a muitos estudiosos do urbanismo. No entanto, o que ocorreu é que, a dimensão avassaladora dos muitos aspectos do processo urbano ('complexidade') tem conduzido à elevação de alguns deles à categoria de disciplinas autônomas, por direito próprio — das quais a influente abordagem dos 'movimentos sociais urbanos' (Castells, 1972 etc.) é arquetípica. A dificuldade reside em reintroduzir a totalidade da existência sem perder a conexão com seus fundamentos de origem, que no capitalismo continuam sendo a produção de mercadorias.

²³ Isso explica porquê "... as propostas da Community Land Act (1975) e da Development Land Tax (1976) [leis que regem a tributação do solo urbano na Inglaterra]... não foram direcionadas à instituição da propriedade fundiária privada em si, nem tampouco a grupos específicos de proprietários; pelo contrário, foram definidos com referência a usos do solo" (Massey & Catalano, 1979:173), Explica também a natureza da dificuldade com que se defronta uma interpretação da intervenção do Estado na organização do espaço.

²⁴ Como contra-exemplo, ninguém diria exceto sob licença poética 'Minha casa está crescendo' em lugar de 'Estou construindo minha casa'. Por outro lado, deve estar claro que os baixos níveis de infraestrutura na periferia de São Paulo, por exemplo, não se devem a seu tamanho 'excessivo' ou crescimento 'rápido', senão ao fato de que o nível de reprodução da força de trabalho no Brasil, em seu estágio de acumulação extensiva e entravada, é historicamente baixo.

A guisa de conclusão

A história desemboca no contemporâneo a aponta para o porvir. Na medida que o estágio intensivo do capitalismo avança, coloca sempre novas 'questões urbanas' — que são, na verdade, questões colocadas pela própria crise do capitalismo contemporâneo cujo desenrolar alimenta transformações em germinação, e da qual os 'movimentos sociais', os problemas ecológicos ou do meio ambiente, ou os inúmeros 'grupos de pressão' formados e dissolvidos ao sabor do vento, são meramente epifenômenos. A diversidade, ou mesmo a intensidade, dos 'problemas' urbanos, e em particular, da aglomeração urbana gigante, não devem, no entanto, nos assoberbar em demasia. Por um lado, são apenas o que são: características da própria sociedade que lhes dá origem e que cabe analisar, interpretar e criticar. Por outro lado, elas não se comparam tão desfavoravelmente aos burgos e às cidades medievais quanto uma visão saudosista ('a cidade perdeu sua identidade' etc.) poderia sugerir. Aqueles lugares bucólicos eram sujeitos a serem devastados por tropas errantes, tiranizados por senhores locais até de segunda ou terceira categoria, ou simplesmente infestados por epidemias nutridas pelas condições da mais abjecta miséria que inevitavelmente abrigavam. Somos nós, da grande aglomeração urbana, que podemos fruir do que sobra deles —no principal, os monumentos— que conservamos como patrimônio histórico: um dos muitos 'usos do solo' do *nosso* mundo urbano.

REFERENCIAS

- ASHWORTH, William (1954) *The genesis of modern British town planning* Routledge & Kegan Paul, London
- BALL, Michael (1979) "A critique of urban economics" *International Journal of Urban and Regional Research* 3(3):309-332
- BREITLING, Peter (1980) "The role of the competition in the genesis of urban planning: Germany and Austria in the nineteenth century" in SUTCLIFFE (Ed, 1980)
- CASTELLS, Manuel (1972) *La question urbaine* Maspero, Paris
- DEÔK, Csaba (1989) O estado e o mercado na organização da produção capitalista *Espaço & Debates* 28:18-31
- ENGELS, Friedrich (1845) *The condition of the working class in England* Lawrence & Wishart, London
- ENGELS, Friedrich (1888) *The role of force in history* Lawrence & Wishart, London, 1968
- HOYT, Homer (1933) *One hundred years of land values in Chicago etc*, Chicago UP, Chicago
- LEES, Andrew (1984) "The metropolis and the intellectual" in SUTCLIFFE (Ed, 1984)
- MARX, Karl (1859) *A contribution to the critique of Political Economy* Progress, Moscou
- MARX, Karl (1867) *Capital I* Penguin, London, 1981
- MASSEY, Doreen & CATALANO, Alejandra (1978) *Capital and land* Arnold, London

- SUTCLIFFE,Anthony(Ed,1980) The rise of modern urban planning 1800-1914 Mansell, London
- SUTCLIFFE,Anthony(1981) Towards the planned city/ Germany, Britain, the United States and France Basil Blackwell, London
- SUTCLIFFE,Anthony(Ed,1984) Metropolis 1890-1940 Mansell, London
- WEBER,Max(1894) "Developmental tendencies in the situation of East Elbian rural labourers" Economy & Society 8(2):177-205

Resumo

A palavra cidade sobrevive através das idades, modos de produção e formas de sociedade, mas seu significado corresponde a entidades inteiramente diferentes segundo a época. Este artigo procura especificar as características da 'cidade' capitalista, partindo de sua gênese na cidade feudal, passando pelos estágios extensivo e intensivo de acumulação capitalista, e chegando à aglomeração urbana contemporânea.